

O arquivo de Leon Eliachar: tipologias documentais e os desafios de arquivos pessoais de escritores

The archive of Leon Eliachar: documentary typologies and the challenges of personal writers' archives

Luis Felipe Dias Trotta¹
Aline Lopes Lacerda²

Resumo

O artigo discute a importância do estudo de tipologia documental em arquivos pessoais de escritores e seus desafios, tendo como campo empírico o arquivo de Leon Eliachar, um humorista brasileiro das décadas de 1960 a 1980. Seu acervo foi doado para o Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), setor da Fundação Casa de Rui Barbosa. O trabalho foi realizado com base na revisão da literatura da área e na análise dos documentos do escritor. As conclusões apontam para a importância de um mapeamento dos tipos documentais para a Arquivologia.

Palavras-chave: Patrimônio literário. Arquivologia. Arquivos Pessoais. Tipologia Documental. Leon Eliachar.

Abstract

The article discusses the importance of the study of documental typology in personal archives of literary authors and their challenges, having as empirical field the archive of Leon Eliachar, a Brazilian humorist from the 1960s to the 1980s. His collection was donated to Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), of Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). The work was carried out based on the review of the literature of the area and on the analysis of the writer's documents. The conclusion points to the importance of a mapping of documental types for Archival Science.

Keywords: Literary patrimony. Archivology. Personal archives. Documentary Typology. Leon Eliachar.

¹ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARq/UNIRIO), graduado em Arquivologia (UNIRIO) e em História (UFF) e técnico em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/Minc). Email: luis.felipe@rb.gov.br

² Pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; Professora do Programa de Pós Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARq) da Unirio; Professora do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz). E-mail: alopeslacerda@gmail.com

1 Introdução

Atualmente, os arquivos pessoais consolidam-se no campo arquivístico e contam com relevantes e inéditas pesquisas nas áreas científica, acadêmica e cultural. Muitas instituições no Brasil e no mundo têm se sensibilizado no sentido de custodiar arquivos de personalidades artísticas, científicas, políticas ou culturais, pois passaram a entender que esse material é parte da memória e do patrimônio cultural de um país e, como tal, deve ser preservado. Esse é o caso do Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), setor da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), local onde foi desenvolvida uma pesquisa da qual este artigo é um dos resultados.

O AMLB é um setor criado em 1972 por iniciativa do bibliófilo e escritor Plínio Doyle, amigo pessoal de Américo Jacobina Lacombe, presidente da FCRB de 1939 a 1967³. O setor vem acumulando o arquivo de escritores da área literária há mais de 40 anos, criando um rico acervo sobre o tema da Literatura, em que se destacam os documentos pessoais do escritor Leon Eliachar, doados à instituição por Wanelly Waleska, sua ex-esposa, em 24 de agosto de 1992.

Embora possa ser relativamente pouco conhecido nos dias de hoje, Eliachar foi um destacado humorista em sua época. Ele nasceu no Cairo, Egito, em 10 de outubro de 1922 e provém de família judaica, sendo a palavra Eliachar um abasileiramento do termo hebraico *El Yachar*. Mudou-se com a família para o Brasil⁴ ainda criança e a partir dos 16 anos iniciou sua carreira como jornalista. Ao longo de sua vida trabalhou em jornais impressos, rádio, revistas, cinema e principalmente na televisão, sempre com temas ligados ao humor e à crítica social. Como escritor de ficção, publicou os seguintes livros: *O homem ao quadrado* (1960), *O homem ao cubo* (1963), *A mulher em flagrante* (1964), *O homem ao zero* (1968) e *O homem ao meio* (1979). Também escreveu, em colaboração com Ziraldo, Jaguar, Henfil,

³ O AMLB tem importância estratégica relativamente à proteção do patrimônio cultural literário brasileiro, reunindo um acervo de 147 arquivos pessoais de escritores nacionais, uma coleção de documentos avulsos e um notável acervo museológico, formado por cerca de 1.400 peças (VASCONCELLOS, 2012).

⁴ De acordo com Any Dana, em um trabalho sobre a imigração judaica, esta cresceu com o fim da Primeira Guerra Mundial e o Brasil se tornou uma opção mais viável devido às restrições imigratórias impostas aos judeus nos Estados Unidos, Canadá, Argentina e África do Sul. Em 1921 o congresso norte-americano estabeleceu cotas imigrantistas baseadas em questões raciais para manter a preponderância racial do grupo de base americano, a fim de garantir a hegemonia *waspiana*, da sigla White, Anglo-Saxon Protestants. Muito provavelmente os pais de Leon Eliachar vieram para o país nessa leva de judeus vindos do pós-Primeira Guerra Mundial (ZWERLING, 2013).

Stanislaw Ponte Preta, entre outros autores, o livro *10 em humor* (1968). No final de sua vida, Leon atuou como publicitário em sua própria empresa: Leon Eliachar – Ideias & Promoções. Faleceu de maneira trágica em 1987, assassinado em um crime passional.

O acervo de Leon foi escolhido como tema de pesquisa em decorrência da sua riqueza documental, devido às diferentes atividades realizadas pelo autor em sua vida. Este trabalho pretende explorar a trajetória de seu arquivo e apresentar as dificuldades técnicas no tratamento desse material, especialmente no que concerne à tipologia documental.

2 A trajetória do arquivo de Leon Eliachar

Em entrevista realizada pessoalmente com Wanely Waleska, foi informado que, durante sua vida profissional, Leon tinha obsessão por arrumação e ele mesmo organizava seus documentos em um móvel próprio para isso. Todos os papéis eram guardados em pastas, separados de acordo com a empresa em que trabalhava, e eram catalogados e etiquetados com nomes e datas, elemento observável na ordem original em que os documentos chegaram ao AMLB. Pode-se afirmar, portanto, que eles receberam certo tratamento arquivístico por parte do titular, pois havia nele uma “vontade de guardar”⁵ sua obra e produção intelectual. Esse fato reforça a ideia de que os arquivos pessoais não são um processo “natural” de sedimentação de registros do passado. Nesses arquivos existe um papel fundamental da “intencionalidade”, responsável pela definição do que será guardado pelo titular, sob sua orientação ou mesmo com base em critérios de outros agentes (HEYMANN, 2012).

De acordo com relato de Wanely, Leon não tinha por objetivo construir uma imagem pessoal por meio de seus arquivos e, provavelmente, não fazia ideia de que essa documentação poderia algum dia ser doada para uma instituição. Ele arquivava seus documentos, em primeiro lugar, por vaidade pessoal, pois gostava de ter guardada a sua criação. Em segundo lugar, para que a documentação relativa aos seus livros e à sua obra pudesse auxiliar na educação de seu filho Sérgio Eliachar, por meio dos ganhos com direitos autorais.

Segundo o filho do humorista, com quem também foi possível conversar, uma das justificativas para que o arquivo tenha sido doado para a FCRB foi a possibilidade de que

⁵ Conceito inspirado no trabalho de Vianna, Lisovsky e Sá (1986).

obra de seu pai permanecesse ao lado de escritores como Drummond, Clarice Lispector e Manuel Bandeira. Seu objetivo era, portanto, a institucionalização como valor para o doador e o enaltecimento da figura do titular entre “pares notáveis”. Dessa forma, vemos que esse processo de doação incluiu certa consciência sobre a importância da institucionalização dos arquivos pessoais e sobre como isso contribui para a monumentalização da memória do indivíduo e de seu papel na sociedade. Esse fato reforça a ideia de que a institucionalização é o que faz um arquivo pessoal entrar numa outra dimensão, onde coexistem a realidade material e os aspectos simbólicos, patrimoniais e de memória, em um movimento que legitima o arquivo em relação à sociedade (OLIVEIRA, 2013).

Com relação ao conteúdo, o arquivo apresenta extenso e variado material, decorrente da versatilidade profissional do escritor. Nos documentos pessoais há certidões, premiações, carteiras de afiliação que revelam os espaços sociais que Leon frequentava, entre outros. Em relação à sua atividade jornalística, o humorista produziu uma série de encadernações e recortes soltos de seus próprios artigos escritos em jornais e revistas, o que gerou uma documentação seriada sobre tudo o que realizou nessa área. A maior parte dos documentos, no entanto, está ligada à sua produção na televisão, no rádio e na publicidade; entre eles encontramos roteiros, sketches, rascunhos e notas, por exemplo. O arquivo conta também com material fotográfico e filmográfico oriundo de produções de fotonovelas e das atividades de Leon na televisão. Apesar de o arquivo apresentar uma ordem original bastante organizada, foi necessário rever esse arranjo para adaptá-lo ao sistema do AMLB, o que demandou estudo do vocabulário referente às áreas nas quais o titular atuou⁶.

3 As dificuldades dos arquivos de escritores e as tipologias documentais

⁶ Os documentos contêm material variado de diversas empresas e atividades nas quais Leon trabalhou. Na parte de jornal, há recortes e encadernações do *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, sendo esse último o que possui a maior documentação, com a coluna *Divagar e Sempre*. Dentre o material relativo às revistas, há recortes e publicações de *O Cruzeiro*, *Revista da Semana*, *Pif-Paf*, *O Pasquim*, *Manchete* e *A Cena Muda*. No que diz respeito às atividades radiofônicas, há anotações e roteiros para as rádios Tupi e *Mayrink Veiga*, onde Leon atuou nos programas *Mestre Cuca*, *Eu Acuso*, *Biotônico Fontoura* e *Tic Tac Gessy*. Referentes à televisão, há roteiros do programa *Leon Eliashow*, da antiga rede Excelsior; papéis do programa de entrevistas *Bibi ao Vivo*, da TV Tupi; material de *Feira do Riso*, do SBT; papéis dos programas *Decisão Pública* e *Advogado do Diabo*, para a TVE; e o roteiro dos programas *Faça Humor*, *Não Faça a Guerra*, *O Planeta dos Homens* e *Satiricon*, da TV Globo, empresa onde realizou mais atividades. Na parte de cinema, encontramos revistas especializadas com artigos escritos por Leon.

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, ficou evidente a necessidade do aprofundamento da relação entre teoria arquivística e arquivos pessoais, uma questão que ainda traz desafios. Durante algum tempo, na Arquivologia, ainda recaíam dúvidas sobre a classificação desse tipo de documentação pessoal como arquivo, uma vez que ele carrega características muito diferentes das dos arquivos tradicionais, fortemente embasados em documentos institucionais. Camargo e Goulart (2007) entendem que arquivos pessoais se situam numa zona de “penumbra” no universo arquivístico, pois os documentos pessoais, a exemplo dos diários íntimos, não teriam a força probatória dos que decorrem de transações oficiais e, nessa medida, ficariam excluídos da área de competência dos arquivistas. Assim, os documentos dos arquivos pessoais são frequentemente entendidos como “eivados de subjetividade” e informais demais, não tendo, portanto, fórmulas jurídicas preestabelecidas, principalmente porque eles não possuem uma estrutura institucional na qual estejam embasados (CAMARGO; GOULART, 2007).

No arquivo de Leon, muitos documentos reforçam os debates da área e mostram as nuances desse tipo de arquivo com relação à estrutura documental, força probatória dos documentos, espécies e tipos documentais. Isso porque, embora haja notas esparsas de lampejos mentais do autor ou anotações de piadas criadas sem nenhuma estrutura documental, há também uma documentação seriada com título, data e uma estruturação muito bem marcada que define a espécie e o tipo documental. A questão que surge, portanto, é como definir o tipo documental em documentos sem estruturas formais.

Outra problemática do arquivo de Eliachar foram os documentos que estavam fora de uma noção mais tradicional de Literatura. Em seu *Manual de Procedimentos* (2009), o AMLB conta com uma listagem de tipologias mapeadas durante seus 40 anos de existência. Boa parte dessa nomenclatura abrange os documentos tradicionais da literatura ficcional – poema, crônica, conto, prefácio, posfácio etc. Os documentos do humorista, no entanto, se destacam por uma variedade documental decorrente da diversidade de suas atividades profissionais. Esse elemento trouxe dificuldade para a identificação e classificação das espécies e particularmente dos tipos documentais. Se por um lado muitos associam literatura ficcional com formas mais ou menos tradicionais de textos, por outro lado obras de rádio, televisão e publicidade muitas vezes desafiam noções mais comuns do conceito de literatura. Foi necessário, portanto, se aprofundar no universo documental gerado por essas profissões, bem como nas funções desempenhadas.

Na bibliografia arquivística brasileira, o tipo documental é entendido como a junção da *espécie documental* e da *função para a qual o documento é produzido*. Saliento, contudo, que nem todos os autores o entendem dessa forma, havendo também casos de países em que o uso do conceito é menos frequente ou em que ele nem existe. Segundo Bellotto (2008), espécie é a configuração que o documento assume de acordo com a disposição e natureza de sua informação (e é objeto da diplomática) e tipo documental é a espécie não mais como “fórmula”, e sim já imbuído da atividade que o gerou (e é objeto da tipologia). Pode-se dizer, por exemplo, que enquanto o “roteiro” é uma espécie, o “roteiro de programa de televisão” é um tipo documental. Para identificar o tipo, portanto, precisamos estar munidos das funções que o documento exerce dentro do seu contexto de produção.

A experiência empírica de tratamento de arquivos, principalmente no tratamento do acervo de Leon, demonstrou que os tipos documentais auxiliam o trabalho do arquivista, de modo a ser um suporte para um trabalho mais preciso e eficiente. Quando os tipos mais comuns de uma instituição são mapeados e bem demarcados, isso facilita a identificação, a descrição e também outras atividades. De acordo com Silva (2014), o estudo de tipologias documentais serve na:

Identificação: o arquivista poderá identificar um documento analisando sua tipologia, reconhecendo as fórmulas adotadas na sua confecção. [...]

Avaliação: a identificação tipológica permitirá que o arquivista classifique de maneira mais segura e confiável os documentos, porque já terá um conhecimento prévio da atividade ou procedimento que o produziu, identificando sua função e prazo de validade. Assim, será mais fácil a atribuição do tempo de vida do documento e, conseqüentemente, a elaboração de uma tabela de temporalidade.

Classificação: o conhecimento do tipo documental permitirá o reconhecimento da posição do documento no quadro geral de classificação de documentos da instituição, por atividades e função. O tipo de documento fica muito mais compreensível quando identificada a atividade que o gerou e sua classificação dentro de um quadro geral de atividades.

Descrição: a análise tipológica auxilia a descrição evidenciando o conteúdo dos documentos, de acordo com as fórmulas estabelecidas para cada espécie, que são em parte fixas e em parte variáveis. A ocorrência do tipo documental na descrição dos documentos tornará conjuntos documentais mais compreensíveis também para o usuário

Recuperação da informação: os instrumentos de busca tornam-se enriquecidos com a apresentação correta dos nomes dos documentos, o que permite de forma mais precisa a configuração das informações, auxiliando sobremaneira a compreensão que o usuário terá do conjunto documental (SILVA, 2014, p. 11).

Por conta dessa importância e necessidade do tipo documental, foi desenvolvido um trabalho de identificação e mapeamento das tipologias presentes nos documentos de Leon,

visando não só a facilitação da identificação e descrição, mas também a inclusão de tal material à experiência arquivística do setor.

O processo de identificação do tipo documental em um arquivo pessoal se inicia de maneira análoga ao de um arquivo institucional. Se no tratamento desse último o arquivista deve estudar a estrutura da instituição e buscar as funções que nortearam a sua atuação, no caso dos arquivos pessoais deve-se igualmente estudar a biografia do titular e mapear as suas atividades⁷. Sobre esse aspecto, friso que em toda a literatura da área é muito presente a ideia de que, para identificar o tipo documental, é necessária a contextualização do documento, descobrindo as atividades que lhe deram origem e as funções da instituição (ou da pessoa). Nesse sentido, há movimentos de “cima para baixo” – pesquisa da biografia, cronologia dos fatos, eventos relacionados etc. – e de “baixo para cima” – identificação dos documentos e de sua estrutura, descrição de sua tipologia, ligação com as funções e atividades do titular etc.

Destaca-se que qualquer tentativa de elaboração de uma listagem tipológica em um arquivo pessoal deve focar no universo específico ao qual o arquivo se relaciona, pois o campo de possibilidades de tipologias é tão grande que é impossível fazer uma listagem desse tipo que seja completa e trate de determinado campo profissional. Sobre isso, Bellotto afirma que

Uma listagem de tipos documentais, e não de espécies, na qual se pretendesse abarcar os universos jurídico, administrativo e notarial, seria impossível. Isso porque, levando-se em conta que tipo documental é a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que a gerou, sua fixação é complexa e pontual. Só é viável a construção de glossários de tipos documentais específicos. (2002, p. 91).

Leon tinha funções e atividades variadas dentro da cadeia produtiva dos seus ramos profissionais. Em jornais e revistas⁸, sua principal função era a de redator⁹, cuja atividade era escrever matérias. Nesse caso, os tipos documentais mais correntes são “notas de humor”.

⁷ Esse estudo da biografia envolve também um trabalho de pesquisa que identifique os homônimos, os pseudônimos, os apelidos, os eventos em seu tempo histórico e os eventos sociais e históricos diretamente relacionados ao produtor ou aos seus principais interlocutores, para que possamos estabelecer as devidas relações entre as informações coletadas (OLIVEIRA, 2013).

⁸ Destaca-se que o jornalismo se divide em diversos tipos. De acordo com Bahia (2010), o jornalismo pode ser do tipo feminino, esportivo, cultural, declaratório, antecipativo, interpretativo, investigativo e, podemos adicionar, de humor. Em um jornal, com seus diferentes cadernos, e em uma revista, com suas diferentes seções, há vários tipos de jornalismo inseridos.

⁹ Em jornais e revistas, há as funções de redator, repórter, chefe de reportagem, editor (chefe do caderno), editor executivo (que supervisiona os editores), diagramador, fotógrafo, chargista, entre outras. Informação disponível em: <http://9anarede.blogspot.com.br/2013/04/profissoes-dentro-de-um-jornal.html>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Identificou-se, nos contratos com as emissoras de televisão, que o autor exerceu as funções de produtor, roteirista e relações públicas, cujas atividades principais eram escrever os programas, elaborar perguntas para entrevistas e orientar os profissionais envolvidos. Aqui, os tipos documentais mais frequentes são os “scripts de programa humorístico de televisão”. No rádio, sua função era a de redator e a atividade era produzir radionovelas. O principal tipo documental decorrente dessa atividade é “script de radionovela”. Na função publicitária, como tinha uma empresa onde era o único funcionário, Leon acumulou todas as atividades do processo de criação de peças publicitárias. Nessa função, podem ser localizados documentos como “croquis de publicidade”, “layout”, “fotomontagens”, entre outros. Finalmente, como escritor, ainda que sua atividade principal fosse escrever, também atuou na elaboração das capas de seus livros; entre os tipos encontramos “capa de livro” e “boneca”¹⁰.

Verificou-se, ainda, que o trabalho de identificação dos tipos demanda estudo cuidadoso para não incorrer em conceitos aparentemente simples mas que não contêm significado algum. Nas áreas onde Eliachar trabalhou é frequente a ocorrência de termos de difícil definição e de campo semântico incerto e que vale a pena registrar, tais como: “artemaneal”, “ilustração” e “matéria” – expressões amplas e imprecisas, que englobam muitas realidades possíveis. Algumas dessas palavras são próprias da área jornalística e são onipresentes, mas não constituem em si mesmas nem espécies e nem tipos documentais. De acordo com Bahia (2010), o verbete “matéria”, por exemplo, pode ser definido como:

Notícia, assunto, tema, argumento, objeto de informação. Tudo o que se elabora com a finalidade de divulgar ou que é divulgado, seja um original, um texto, uma ilustração, uma mensagem, uma transmissão por qualquer um dos meios de comunicação. Usual em todos os veículos de massa para designar o conteúdo de uma produção jornalística, seja escrita, falada, visual, etc. (BAHIA, 2010, p. 30).

Como pode ser observado, “matéria” é um termo muito repetido, mas que não representa nenhum documento específico. Alguns desses termos, no entanto, apesar de não constituírem espécies documentais propriamente ditas, parecem ser importantes balizas conceituais por meio das quais o arquivista pode se orientar nas atividades de identificação e de descrição dos documentos. Salienta-se que esse cuidado na definição dos termos é bastante

¹⁰ Com relação a outras possíveis funções de escritor exercidas por Leon, a partir da descrição feita por sua esposa, Wanelly, foi possível inferir que ele muito provavelmente participou na função de argumentista do filme *O homem do Sputnik*, que, em cinema, é o autor de um argumento, história ou sinopse para desenvolvimento do roteiro ou script de um filme (BAHIA, 2010). Infelizmente não foi possível confirmar essa informação por meio dos documentos de arquivo.

necessário, na medida em que muitas vezes é possível se perder em uma definição mais próxima do senso comum, desconsiderando critérios técnicos, o que poderá resultar em erros classificatórios. Dessa forma, em alguns casos é possível deduzir que um documento se trata de um “programa de televisão”, pois é essa informação que está escrita no título. No entanto, essa definição é dúbia, pois não diz do que se trata o programa e nem de que tipo de documento se está falando exatamente. A palavra “programa” pode ser um conceito expresso na linguagem comum, mas é impreciso e enganoso. Assim, um documento usado no desenvolvimento de um programa de televisão pode ser, por exemplo, “script de programa humorístico de televisão”.

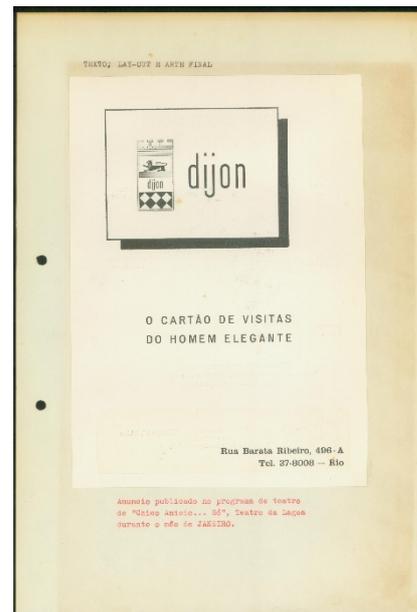
A seguir, ilustramos alguns dos tipos documentais de Leon Eliachar relativos à sua função como publicitário. Nestes documentos, vemos dois tipos próprios dessa área, que demonstram as diferentes etapas de produção no campo publicitário, o *croqui* e a *arte-final* para uma campanha publicitária da empresa de roupas Dijon.

Figura 1 – Croqui de publicidade



Fonte: Arquivo Leon Eliachar, Acervo AMLB.

Figura 2 – Arte-final



Fonte: Arquivo Leon Eliachar, Acervo AMLB.

Como vemos, em alguns casos, se faz necessário identificar a função do documento e precisar o seu tipo, como no caso de um *croqui de publicidade*. Em outras situações, isso não se faz necessário, como em *arte-final*, um termo que é autoexplicativo.

pública. No arquivo de Leon, no entanto, praticamente não encontramos documentos de instituições públicas. Boa parte de seu material contém documentos oriundos de instituições privadas, cujos arquivos que poderiam auxiliar na pesquisa não são de fácil acesso a pesquisadores externos. Essas empresas também não contam com nenhum material público de consulta para que os arquivistas possam apreender quais tipos documentais são usados. Adiciona-se a isso o fato de que muitas dessas empresas faliram e não há mais nenhum tipo de arquivo para acesso dos pesquisadores.

4 Considerações finais

O estudo sobre tipologias documentais exige um olhar atento e detalhado sobre o arquivo como um todo. Não basta observar um documento e atribuir-lhe o título de “programa de televisão”, concluindo que esse é seu tipo documental. A própria noção de “programa de televisão” permite múltiplas interpretações, pois, quando analisamos mais a fundo o material, percebemos que pode se tratar de um roteiro, de um rascunho ou de um script, que são tipos documentais mais precisos e que dão a real dimensão do que é de fato o documento e para que ele serve.

Este trabalho reforçou a necessidade do estudo de tipos documentais para o universo dos arquivos pessoais, pois tal atividade, quando materializada em um glossário técnico, acrescenta *know-how* e experiência metodológica na cultura profissional não apenas dos arquivistas da área, como também da instituição à qual eles se vinculam. Além disso, a pesquisa em outras obras de referência e a consolidação de listagens análogas em outras instituições acaba por ser um importante elemento de intercâmbio de conhecimentos entre os arquivistas e outros profissionais da informação. Igualmente, o tratamento do arquivo de Leon Eliachar permitiu um aprofundamento na compreensão da trajetória e na manutenção da memória de um eminente personagem da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, mostrou como a aplicação da teoria arquivística ao universo dos acervos pessoais se configura como um permanente desafio.

Referências

AMLB. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. **Manual de procedimentos do AMLB**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.

BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Diplomática e tipologia documental em arquivos**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 27, p. 26-39, 2. sem. 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), 2007.

CASTRO, Maria da Conceição. **Glossários de tipos documentais e padronização da descrição arquivística: um estudo de caso de arquivos de cientistas**. Niterói: UFF: AN, 2009.

DANA, Any. A imigração judaica e o padeiro do espírito. *In*: ZWERLING, Uri *et al.* **Os judeus na história do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2013. p. 37-50.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Metodologia de organização de arquivos pessoais: a experiência do CPDOC**. 4. ed. versão atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contra Capa: FAPERJ, 2012. 238 p.

IFHC. Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso. **Glossário de termos utilizados na descrição do acervo**. São Paulo: IFHC, 2015.

JARDIM, José Maria. A pesquisa como fator institucionalizante da Arquivologia enquanto campo científico no Brasil. *In*: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras: I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia**. Brasília, DF: Thesaurus, 2010. p. 53-75.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Glossário de espécies e tipos documentais em arquivos de laboratórios**. Rio de Janeiro: MAST, 2014.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS – o Ensino em Foco, ago. 2009, Caxias do Sul.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e Silva. Introdução. *In*: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Glossário de espécies e tipos documentais em arquivos de laboratórios**. Rio de Janeiro: MAST, 2014.

USP. Universidade de São Paulo. **Glossário de Espécies, Formatos e Tipos Documentais da Universidade de São Paulo**. São Paulo: USP, 1997.

TROTTA, Luís Felipe Dias. **O arquivo pessoal de Leon Eliachar: Uma análise tipológica dos documentos de um escritor**. Dissertação (Mestrado em Arquivologia) – Programa de Pós-

Luis Felipe Dias Trotta; Aline Lopes Lacerda

Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2016.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. **Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arq & Adm.**, Rio de Janeiro, v. 10-14, p. 62-76, jul./dez. 1986.